

RESENHA DE LIVRO

JONAS, Hans. **O conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia**. Tradução de L. S. G. Fonseca. São Paulo: Paulus, 2016, 36 p.

Matheus dos Reis Gomes¹

O presente manuscrito foi desenvolvido por Hans Jonas, filósofo e precursor do *princípio da responsabilidade*. Foi redigido em dois capítulos que expressam talvez uma *não* compreensão do indivíduo acerca do tema que a metade do século XX, e suponho que todo o século XXI, não compreenderá. O volume revela que será condição *sine qua non* à capacidade de compreender os “padrões” de comportamentos do “apocalipse moral da tragédia de Auschwitz” (p. 7). As indagações feitas pelo autor apresentam dúvidas redigidas em nosso “eu” sobre a problematização do *Ser* no campo de concentração e como essa “transcendência” *não* realizou a “hierofania precisa” na esperança de todos os prisioneiros.

O primeiro capítulo é descrito pelo Dr. Eric Prommier². Com profundidade, apresenta uma introdução ao pensamento sobre o mito jonisiano. Ao esboçar ao longo dessa obra a construção do mito, Prommier evidencia uma compreensão sobre as influências que Hans Jonas teve sobre a *impotência do Ser* para o crescimento ideológico de Hitler até chegar em Auschwitz. Além disso, o autor titula um dos temas centrais da obra de Hans Jonas, chamado: *A improvidência Divina*. “[...] a perda de confiança no ideal humanista” (p. 7). Trata-se também da “espinha dorsal” para a ramificação do mito criado e sua relação do divino contra a racionalidade humana sobre a metafísica do ser.

Os questionamentos serão a essência dessa pequena introdução que o autor faz, desde a compreensão das mortes de crianças pelos algozes nos campos até ao ponto da permissão

Resenha submetida em 02/03/2017. Aprovada em 01/04/2017.

¹ Graduando em Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Faculdade Federal de Juiz de Fora e discente do Núcleo de Estudos Religião e Psique NERELPSI da UFJF. E-mail: matheusdosreisgomes@gmail.com

² Doutor pela Universidade Paris I *Panthéon-Sorbonne*. Professor da Pontifícia Universidade Católica do Chile.

de Deus ao deixar toda a atrocidade e a lúgubre virem à tona. Obviamente, ele declara que *nada* será capaz de explicar ou ao mínimo compreender tal feito. No entanto, a influência que o pensamento de Jonas exprime realça com vigor a forma pela qual o ocorrido no campo teve um propósito, já que “Para a tradição judia, efetivamente, Deus é o Senhor da História” (p. 14).

Ao prosseguir com a leitura do livro, deparamo-nos com o propósito do volume de Hans Jonas: *O conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia*. O conceito de um Deus silencioso, que Jonas fala, é “[...] um fragmento de teologia francamente especulativa” (p. 17), tanto quanto o aprofundar na epistemologia do *ser*. Os limites do *conhecimento* do objeto serão tratados com extrema maestria pelo autor, pois, como citado, “[...] trabalhar um *conceito* de Deus é possível, mesmo sabendo que não há nenhuma prova” (p. 18).

É cogitado pelo autor uma ressalva sobre a problematização da origem do Mal (odisseia). Não obstante, tomam por controvérsia o mito judaico, contrapondo-o com o cristão. A grande ressalva é o surgimento do “sentido do sofrimento” ligado ao *Livro de Jó* para ambas as religiões. Entretanto, a presença da figura do *diabo* e a sua relação direta com o pecado original partem dois aspectos entre a crença judaica e cristã sobre o mito que Hans Jonas discorre. O mito será, em um aspecto já discutido, sobre a imortalidade e a presença dessa “teoria especulativa” a respeito do ocorrido no campo de concentração. Segundo Jonas, a variedade infinita do devir será de cunho frontal com a problematização da razão do *ser*. “[E]ntrar na aventura do espaço e do tempo, a divindade nada conteve de si mesma: nenhuma parte independente ou intacta permaneceu para dirigir, correta e, definitivamente, garantir a errante realização de seu destino na criação” (p. 21).

O sentido do “*ser-no-mundo*”, opondo-se à completude da Divindade, será a presença desse *ser* no mundo — não confundindo que o mundo e a Divindade são a mesma coisa. Se o mundo e a Divindade fossem da mesma “*essência*” ou “*substância*”, o conceito de Deus judaico-cristão cairia por terra por refutar o que até então afirmam. Se a *essência* de Deus fosse parte da *substância* do mundo, em suma, o Mal faria parte desse mesmo *ser*. Além disso, haveria uma constante mudança entre a *essência* de *Ser*. Sendo assim, Deus não poderia ser o *Deus da História*, pois a constante mudança acarretaria uma alteração de pensamento nessa divindade. “[...] se o mundo e Deus são simplesmente o mesmo, o mundo a cada momento e em cada estado representa a sua plenitude, e Deus não pode perder nem ganhar” (p. 22).

A centralidade da presente obra é todo o ensinamento sobre a Torá com relação a esse conceito de Deus expressado. Portanto, a não revelação de um Deus em um ato histórico não

condiz com toda a sua doutrina. Por mais que seja uma obra curta de 36 páginas, Hans Jonas consegue com maestria chegar à conclusão de que a onipotência não pode ser um contexto desse Deus. A Idade Média ajudou a consolidar esse termo, mas, ao chegar nessa perspectiva, Jonas abre um leque de possibilidades sobre a epistemologia da metafísica no século XX.

Recomenda-se a leitura dessa obra a todos os profissionais que trabalham com Epistemologia e Metafísica e também a todos que se interessam por essa linha de pesquisa entre a Teologia Judaica e o Holocausto.